

SER MIGRANTE, SER O OUTRO: tradução, alteridade e Lugares na experiência migratória amazônica

BEING MIGRANT, BEING THE OTHER: translation, alterity and Places in the amazonic migratory experience

SER MIGRANTE, SER EL OTRO: traducción, alteridad y Lugares en la experiencia migratoria amazónica

Felipe Ferreira Moreira

Graduado em Geografia pela Universidade do Estado do Pará – UEPA/Campus de Igarapé-Açu.
ffm_kimera@hotmail.com / <http://orcid.org/0000-0002-4453-7606>

Recebido para avaliação em 11/05/2020; Aceito para publicação em 23/12/2020.

RESUMO

Nas mais diversas localidades do Brasil e do mundo, os significados sobre a experiência de ser migrante envolvem percepções espaciais em relações que redefinem a espacialidade sobre/nos lugares e a alteridade nestes. Estas relações me impeliram a pensar de que modo entender a constituição dos migrantes como o Outro nos lugares, levando em consideração a ideia de tradução como metáfora que permite ler o Outro, em especial em contextos amazônicos. Dentro desta perspectiva, elaborei como objetivo central para este artigo discutir a condição de ser migrante e os seus significados em processos que redefinem a experiência migratória em relação a si, ao Outro e os sentidos de lugar na Amazônia. Abordei esta discussão a partir de uma atmosfera de pensamento fenomenológica em geografia humanista/cultural, percebendo que compreender o que é ser migrante na Amazônia, parte de compreender a condição de ser-migrante-no-lugar dentro da multiplicidade de contextos na região. Parti neste artigo para a possibilidade de (re)pensar a experiência migrante a partir da exposição de alguns estudos sobre processos migratórios na/da Amazônia. Nestes termos e contextos, foi proposta a necessidade de romper com modelos fechados de pensar as relações Eu-Outro para entender lugares e deslugares engendrados a partir da experiência migrante, sendo necessário focar nesta centralmente para entender as espacializações do ser-migrante-no-lugar, estas pouco discutidas ou mesmo invisibilizadas, não apenas na Amazônia, mas em variadas escalas e percepções espaciais ao redor do planeta.

Palavras-chave: Migração; Outro; Lugar; Amazônia.

ABSTRACT

In the most diverse localities in Brazil and in the world, the meanings about the experience of being migrant involve spatial perceptions in relationships that redefine spatiality about places and alterity in them. These relations impelled me to think about how to understand the constitution of migrants as the Other in places, taking into account the idea of translation as a metaphor that allows reading the Other, in special in Amazonian contexts. Within this perspective, I elaborated as a central objective for this article to discuss the condition of being migrant and its meanings in processes that redefine the migratory experience in relation to themselves, the Other and the meanings of place in the Amazon. I approached this discussion from an atmosphere of phenomenological thought in humanistic/cultural geography, realizing this starts from understanding the condition of being-migrant-in-place within the multiplicity of contexts in the region. I set out in this article for the possibility of (re)thinking about the migrant experience from the exposure of some studies on migratory processes in/from the Amazon. In these terms and

contexts, the need to break with closed models of thinking about the I-Other relationships was proposed in order to understand places and placelessness engendered from the migrant experience, putting as needed to focus on this centrally to understand the spatializations of being-migrant-in-place, these little discussed or even invisible, not only in the Amazon, but at different scales and spatial perceptions around the planet.

Keywords: Migration; Other; Place; Amazon.

RESUMEN

En los lugares más diversos de Brasil y del mundo, los significados sobre la experiencia de ser un migrante involucran a percepciones espaciales en relaciones que redefinen la espacialidad sobre/en los lugares y la alteridad en ellos. Estas relaciones me impulsaron a pensar en cómo entender la constitución de los migrantes como el Otro en los lugares, teniendo en cuenta la idea de la traducción como una metáfora que permite leer al Otro, en especial en diferentes contextos amazónicos. Dentro de esta perspectiva, elaboré como objetivo central para este artículo discutir la condición de ser un migrante y sus significados en los procesos que redefinen la experiencia migratoria en relación con usted, el Otro y los significados del lugar en la Amazonía. Abordé esta discusión desde una atmósfera de pensamiento fenomenológico en la geografía humanista/cultural, dándome cuenta de que comprender lo que significa ser un migrante en la Amazonía, parte de comprender la condición de estar-migrante-en-el-lugar dentro de la multiplicidad de contextos en la región. Me propuse en este artículo la posibilidad de (re)pensar en la experiencia de los migrantes por la exposición de algunos estudios sobre procesos migratorios en/desde el Amazonía. En estos términos y contextos, se propuso la necesidad de romper con modelos cerrados de pensamiento sobre las relaciones I-Otro para comprender los lugares y no lugares engendrados de la experiencia de los migrantes, siendo necesario centrarse en esto centralmente para comprender las espacializaciones de estar-migrante-en-el-lugar, estos todavía son poco discutidos o incluso fueron considerados invisibles, no solo en la Amazonía, sino a diferentes escalas y percepciones espaciales en todo el planeta.

Palabras clave: Migración; Otro; Lugar; Amazonía.

INTRODUÇÃO

“Não havia sombra nem lugar

Estava eu sozinho a andar

Eu sabia que havia feras inimigas

Mesmo assim eu não desisti de caminhar

O Senhor me disse com razão

Pise com cuidado nesse chão

Tem escorpiões e mil serpentes são valentes

Mesmo assim eu não desisti de caminhar”

Deus confia em mim – Daniel e Samuel

Este artigo surgiu de um/como desafio: como geógrafo que se propõe a discutir a experiência migrante do “caminhar” como condição para buscar a “sombra” e o “lugar” tão necessários a uma série de cobranças do mundo ao redor, fui instigado a pensar sobre possibilidades e potencialidades de uma tríade muito cara a compreensão sobre os migrantes: migração-Outro-lugar. Um horizonte de infinitudes, pois ser migrante ao

atravessar os espaços é intrinsecamente encontrar possibilidades sobre si mesmo e sobre o Outro, condição migrante que se espacializa “(...) dividida entre estas duas representações contraditórias que procura contradizer” (SAYAD, 1998, p. 45).

Pensar as implicações do que é ser migrante e a sua condição espacial nas relações/contradições para (re)pensar a alteridade, o **de fora-de dentro**, Eu-Outro¹, não é simplesmente se empenhar em encontrar alguma(s) resposta(s) sobre deslocamentos populacionais, mas é o convite para adentrar ao mundo de experiências que na atual cotidianidade alcança populações inteiras em diversas porções do planeta. Para Dal Gallo (2010, p. 36), desvelar a condição de ser migrante é partir para compreensões que envolvem diversos âmbitos, aonde é necessário primordialmente focar o que significa migrar a partir da experiência migrante, que se situa nos lugares entre eventualidade e transitoriedade.

Ademais, nesta busca por significados da experiência migratória e as possibilidades nas discussões sobre alteridade, como amazônida também me propus/desafiei a pensar como estas incursões poderiam me levar a inquietações para começar a entender diversos contextos espaciais amazônicos amplamente construídos, desconstruídos e reconstruídos durante séculos por meio de fluxos que marcaram e marcam seus habitantes. Neste sentido, tracei uma pergunta relativa a uma especificidade ainda pouco abordada: De que maneira compreender centralmente as experiências migrantes diante de questões sobre a alteridade nos lugares? De que maneira esta discussão pode envolver os contextos espaciais na Amazônia?

Se perguntar sobre esta possibilidade/potencialidade corre necessariamente em uma direção oposta a qualquer concepção generalista que vise responder a estas perguntas, haja vista que, respondê-la é requerer passagem para um mundo migrante fundado em histórias de vida que, só na Amazônia, remetem a garimpeiros, posseiros, sem-terras, indígenas, fazendeiros, ribeirinhos, entre outros, que formam uma infinita gama de sujeitos mobilizados/deslocados de todas as partes do Brasil e do mundo.

Os intensos contatos, embates, encontros e estranhamentos que constituem a alteridade na região, impelem a pensar de que modo ir para além de questões puramente socioeconômicas e desconstruir uma compreensão que historicamente traduziu o Outro a partir de Eu, o que rechaçou um necessário “olhar” em que “(...) o outro permaneça como o outro e não como ‘outro eu’ ou como ‘outro de eu mesmo’” (LARROSA, 2003, p. 30 -

¹ Para os limites deste artigo, quando exponho as palavras “Eu” e “Outro”, com os respectivos “E” e “O” aparecendo em maiúsculo no texto, me refiro a discussões sobre a alteridade primordialmente embasadas em Emmanuel Levinas, expressas neste autor como: “A característica própria do outro de ser realmente outro, fora da razão do mesmo, da totalidade (Sistema)” (PELIZZOLI, 2002, p. 246).

tradução livre). Este horizonte parte de uma compreensão onde traduzir é metáfora para estar sensível a ler o Outro, sem se apropriar/impôr sentidos e significações alheios a este, pois o Eu que traduz não quer modificar o Outro nem o enquadrar a si, mas pelo contrário, modifica-se a si mesmo porque entra em contato.

A tradução do Outro como metáfora para entendê-lo sem subjugar ao Eu coaduna com Dal Gallo (2010, p. 63), quando a autora propõe que precisamos buscar a multiplicidade do ato de migrar como uma miscelânea de valores e sentidos, que vai depender da maneira como migrantes se questionam e são atingidos pela migração. Parti neste artigo, para a compreensão do impacto/significado deste migrar dentro de uma abordagem fenomenológica em geografia humanista/cultural, em especial pelo potencial que esta atmosfera de pensamento tem em discutir os lugares e os seus sentidos “produzidos pela consciência humana e por sua relação intersubjetiva com as coisas e os outros (...). A preocupação dos geógrafos humanistas, seguindo os preceitos da fenomenologia, foi de definir o lugar enquanto uma experiência que se refere essencialmente, ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos” (HOLZER, 1999, p. 70).

Nos termos fenomenológicos da geografia humanista/cultural, tal correlação lugar-experiência-ser-humano termina por se situar em contextos espaciais pautados em intencionalidades² migratórias como fenômeno que constrói, desconstrói e reconstrói a espacialidade³, uma vez que a migração pode desenvolver de vínculos de enraizamento e profundo reconhecimento até percepções espaciais de inviabilidade e aprisionamento. A migração, então, constitui e é constituída, por vezes, a partir da condição de ser migrante como requisito primordial para se adequar a alta mobilidade da atualidade, pois a “(...) mágica do imperialismo contemporâneo reside em conjurar seu próprio desaparecimento fazendo com que o mercado apareça como a personificação da racionalidade humana e da felicidade” (CORONIL, 2005, p. 59).

Com base nesta espacialidade que termina por caracterizar o migrante dentro do supracitado contexto global e nas especificidades dos fluxos locais, elaborei como objetivo central para este artigo discutir a condição de ser migrante e os seus significados em processos que redefinem a experiência migratória em relação a si, ao Outro e os sentidos de

² Sobre intencionalidade, em perspectivas fenomenológicas, há as seguintes considerações: “todo estado de consciência em geral é, em si mesmo, consciência *de* alguma coisa [...]” (HUSSERL, 2001, p. 50 - grifo do autor), isto é, a “[...] consciência é intencionalidade significa: dirige-se para, visa alguma coisa [...]” (ZILLES, 2007, p. 218).

³ “(...) a percepção do espaço e a percepção da coisa, **a espacialidade** da coisa e seu ser de coisa não constituem dois problemas distintos. (...) Ela esclarece a percepção do objeto pela percepção do espaço, quando a experiência do corpo próprio nos ensina a enraizar o espaço na existência (...) nosso corpo não está primeiramente no espaço: **ele é no espaço**” (MERLEAU-PONTY, 1999, 205 - grifos meus).

lugar na Amazônia. Antes de me reportar diretamente a alguns contextos amazônicos, se fez necessária uma discussão que desvelasse de forma aprofundada a tradução como metáfora para ler/entender o que é ser migrante, em suas experiências e ressignificações sobre a alteridade nos lugares.

MIGRAÇÃO, TRADUÇÃO, LUGAR: algumas abordagens a partir/sobre o Outro

“A nossa vida não tinha dentro. Éramos fora e outros”.
O Eu profundo e os outros Eus - Fernando Pessoa

Ser “de fora”, ser “de dentro”. Ser migrante, ser o Outro. Quais as melhores formas de entender os sentidos do que é ser migrante, dentro do significado de tradução como metáfora que permite **ler o Outro**, em termos onde ler “(...) é traduzir. Interpretar é traduzir. E toda tradução é produção de uma novidade de sentido, um acontecimento único de sentido”? (LARROSA, 2003, p. 50 - tradução livre). Numa perspectiva migratória, os sentidos de migrar constituídos por deslocamentos dos mais variados, precisam redefinir como lidar com novas formas de ler, interpretar e dar novos sentidos sobre si mesmo e como estes se encontram/desencontram com processos tradutórios que são via de mão dupla: o migrante se traduz como o “de fora”, e é traduzido pelo “de dentro”, e vice-versa.

Nos termos de uma contemporaneidade marcada pela alta velocidade de informação, capital e pessoas, trata-se de perceber que escalas locais são sobrepostas por processos globalizantes que cobram o deslocamento/desenraizamento⁴ de vivências e experiências nos mais diversos espaços. Desse modo, populações inteiras estão diante de seguidos contatos com o estranho, o distante e o estrangeiro, o que acirram processos tradutórios entre o Eu-Outro, pois em “tempos da globalização, em que as pessoas se conscientizaram cada vez mais das dimensões planetárias dos empreendimentos econômicos, culturais, políticos e sociais, a tradução tornou-se parte essencial da teoria e prática dos diálogos interculturais” (MONTEMEZZO; UMBACH, 2014, p. 174).

Em torno deste aporte, Larrosa (2003, p. 46) atenta que a tradução precisa ser encarada como metáfora em uma acepção ampla do termo, constituindo processo singular para entender questões sobre intersubjetividade e interculturalidade, e, portanto, possibilidade/potencialidade para interpretar/ler a produção incessante das diferenças. Sobre a discussão destas diferenças em âmbitos espaciais, concordo com Mondada e Soderstrom (2004, p. 150-151), quando ao abordarem a produção do conhecimento como

⁴ Nos termos de uma geografia humanista/cultural com bases fenomenológicas, o desenraizamento é justamente a perda de percepções espaciais e experiências que remetem a vínculos com lugares “onde se tem nossas raízes (...) uma profunda associação e pertencimento” (RELPH, 2012, p. 24).

interpretação da intersubjetividade, afirmam que é preciso desvelar que “o que está em jogo não é a estabilização (...) das configurações espaciais em um texto (...), e sim o reconhecimento de sua instabilidade constitutiva e, portanto, o questionamento dos meios que podemos nos outorgar para descrevê-la”.

Para entender todo este contexto espacial que avança na contemporaneidade, acelerando processos que urgem discussões sobre a (re)construção dos modos de conceber o “olhar” para a interculturalidade da/na diferença dentro da alteridade migrante, acredito numa atmosfera de pensamento fenomenológica como proposição para:

(...) pensar os movimentos migratórios para além das condições ou motivações econômicas. Enquanto deslocamento de pessoas, a intencionalidade e a volição têm papel central em vários momentos do processo. Não que hoje não vejamos grupos sociais em migração. Os fluxos continuam sendo parte fundamental da problemática. No entanto, a importância de questões existenciais aumenta nos atuais tempos líquidos da modernidade líquida, tempo de flexibilização de todos os campos da vida social (...). (MARANDOLA JR; DAL GALLO, 2010, p. 417).

É fundamental pensar fenomenologicamente em experiências como constituintes dos fluxos para, desse modo, pensar a migração para além da busca pelo mercado de trabalho para a satisfação de âmbitos econômicos. O ato de migrar produz e é produzido, marca e é marcado por uma migração vivida por intencionalidades de desconexão e deslocamento em relação a sua existência nos lugares. Nestes termos, a experiência de atravessar os espaços rumo a outros lugares se transmuta como experiência de ser o Outro rumo ao Outro que o recebe, principalmente quando se trata de entender o lugar não apenas como ponto topográfico, mas como base de negociação do ser-estar no mundo, seja este o mundo deixado para trás, seja o mundo que será espacializado por meio da migração (DAL GALLO, 2010).

A proposição de discutir fenomenologicamente os sentidos da migração parte justamente de entender como a negociação ser-estar nos lugares se revela, pensando os sentidos suscitados por embates entre os significados de fixar/mover, enraizar/desenraizar, estabilizar/instabilizar que se espriam em diversos contextos espaciais. Embates envoltos dentro de horizontes que qualificam a transitoriedade como fenômeno responsável por ressignificar o estar aqui e o precisar estar lá, o que cobra não uma atitude de negação de questões demográficas, estruturais, sociais e econômicas que cercam o ato de migrar, mas pelo contrário, impele a buscar entendimentos sobre estas dimensões em conjunto com outras ainda pouco colocadas em foco, como as dimensões existenciais e culturais da alteridade migrante.

Sobre este novo horizonte ainda pouco discutido, Mondardo (2007) afirma que na atualidade já não cabe um direcionamento uno para pensar as migrações, sendo necessário incorporar novos elementos para buscarmos melhor entender os movimentos populacionais, o que por vezes exporá discussões culturais, relações do Eu com o Outro, elementos psicológicos e questões identitárias. Estas discussões, por conseguinte, abrem portas para a compreensão do ser-estar de todo um sistema de alteridade(s) proveniente de choques/encontros nos lugares.

O enfoque central nestes âmbitos ainda poucos discutidos nas questões migratórias parte de atentar para uma migração vivida sobre a qual Marandola Jr e Dal Gallo (2010, p. 409) explanam que:

(...) migrar é sair do seu lugar, envolvendo processos de redefinições das territorialidades, que não são necessariamente sucessivos nem ordenados. Que significa, para a constituição da identidade e do eu, o rompimento da ligação original ser-lugar natal? Em termos ontológicos, há um abalo na segurança existencial e na identidade territorial que precisa ser compreendido como elemento central do processo migratório.

Ao lidar com as implicações destes horizontes cada vez mais fluídos, que se manifestam na intencionalidade migrante nos espaços, me remeto pela busca das experiências de reconstruções, desconstruções e até mesmo instabilidades de ser-estar frente aos lugares, com todo o aparato fluído que demanda um processo migratório, a começar com a possibilidade de perda dos/nos sentidos de lugar antes amplamente conhecidos e reconhecidos pelas populações deslocadas, e agora passíveis de abandono.

A constatação dos abalos e rupturas decorrentes dos deslocamentos populacionais, nas suas mais diversas tipificações, aponta para questionamentos que se revelam decisivos para entender os sentidos de ser migrante e os sentidos do seu lugar, cabendo salientar que é necessário saber até onde “O sentido de lugar é uma qualidade do equilíbrio do conhecimento entre sentir-se enraizado no lugar (...), e sentir-se estranho (...)” (TUAN, 1983, p. 224). Os variados tipos de migração precisam ter interpretações que levem em conta não apenas o estar aqui e o precisar estar lá, mas também a fluidez destes sentidos em direção a um estar entre o enraizamento e o desenraizamento, nos quais, segundo Buttimer (2015), os sentidos de lugar são um parâmetro confiável para uma maior aproximação dos níveis de satisfação e/ou insatisfação que determinado espaço suscita na vida de um ser humano.

Parto aqui de uma perspectiva humanista em Geografia sobre o sentido de lugar, mas também da possibilidade de perda de sentidos destes/nestes: Relph (2012, p. 24) expõe também o deslugar, processo de “esvaziamento” de sentidos que enfraquece a

capacidade dos lugares em reunir coisas, atividades e significados em torno de percepções como enraizamento, familiaridade, inclusão, etc. Deslugares aonde as relações de identidade, afetividade e pertencimento terminam por ser esvaídas de sentidos e relações responsáveis por fomentar uma espacialidade que permitiria reconhecer intimamente os lugares.

Nesta perspectiva, o enfoque é justamente entender a partir da intencionalidade migrante, a constituição de lugares e deslugares, onde por mais que a espacialidade já tenha se estabelecido como rotinas cotidianamente conhecidas, também se revela como transitoriedade que marcou e marca percepções espaciais de intensos rearranjos nas experiências de “ler” a si próprio e ao Outro em conjunto. Tais experiências constroem percepções espaciais em relação a si e aos outros, onde a migração se estabelece como fenômeno de desconstrução-reconstrução dos lugares, que se tornam o misto de ideal e possibilidades de realização talvez nunca alcançadas, mas de qualquer forma, responsável por dinamizar cotidianamente o ser-no-mundo⁵.

Seguir em busca deste ser-no-mundo a partir da correlação lugar-deslugar-migrante é se assumir como “tradutores” que buscam aportes para entender a própria possibilidade de ser-no-mundo no atravessar dos espaços com toda sua gama de lugares revelados pelas experiências do migrante como presença, que comparada ao ato de traduzir um texto, pode ser traduzir o Outro como “(...) o texto original [que] é, de certa maneira, retirado do seu ambiente natural e introduzido em outro, que lhe é alheio” (MONTEMEZZO; UMBACH, 2014, p. 182). Mas não apenas presença: as traduções necessárias para entender tal perspectiva com enfoque na experiência migrante, também precisa discutir os significados da ausência, as interrupções que afetaram e afastaram o relacionamento íntimo com aqueles e aquilo deixados para trás – pessoas, objetos, significados, lugares.

A ausência e a presença aqui não são apenas percebidas como âmbitos meramente físicos, mas como fenômenos que espacializam construções e desconstruções nas/das percepções diante de processos migratórios. Surgem e ocorrem, então, fluxos que representam ruptura com o já amplamente reconhecido e experimentado, em detrimento da realocação para aonde ainda se vai reconhecer e experimentar. Na verdade, este reconhecer e experimentar parte do ato de se (re)construir como migrante exigido e exigente como pessoa que tem “em suas mãos” a possibilidade de se (re)constituir ser-no-

⁵ Aqui, a concepção de ser-no-mundo parte de Heidegger (2005), que postula que a “(...) compreensão do ser-no-mundo como estrutura essencial da pre-sença é que possibilita a visão penetrante da *espacialidade existencial* da pre-sença” (grifo do autor, p. 94), pois “(...) o ser-no-mundo é uma constituição fundamental da pre-sença em que ela se move não apenas em geral mas, sobretudo, no modo da cotidianidade”(p. 98).

mundo, mesmo em face do desconhecido, da nova espacialidade que se ergue, por vezes, alheia às suas demandas mais íntimas.

O MIGRANTE COMO OUTRO: em busca do seu Lugar

“Pobre de mim! vivo entre estranhos (...) tenho vivido entre os que odeiam a paz”.
Nova Bíblia Viva - Livro de Salmos: capítulo 120.

Uma espacialidade migrante, onde o Outro se sente e é visto como o estranho. Entender esta espacialidade exige uma abrangência que não encare os fluxos como embasamento para puro e simples tabelamento de dados e informações populacionais, demografia alheia às pessoas que os compõe e os animam. Para Spielmann (2000, p. 25), discutir alteridade é proposição onde “o ponto de partida (...) é a busca das teorias às vezes daqueles que têm sido constituídos como outros”. Tal ponto de partida, dentro da problemática migratória, necessita de um enfoque nas vivências e experiências migrantes que não as encare como os “outros” marcados pelo estranhamento, “dissecados” de suas percepções ao nível dos estranhos sobre os quais o Eu planeja, decide e entende enquanto vidas alheias sem seus próprios sentidos de lugar.

Esta (re)construção dos pontos de partida precisa girar em torno primordialmente da busca por implicações onde ser migrante, pode e necessita de um enfoque na revitalização dos significados de habitar poeticamente, uma vez que diante de processos de ausência e presença, o ato de habitar precisou ser reconstruído. Um habitar que precisa ser pensado a partir do sentido que coloca Heidegger (2012a, p. 129):

Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência. *O traço fundamental do habitar é esse resguardo.* O resguardo perpassa o habitar em toda a sua amplitude. Mostra-se tão logo nos dispomos a pensar que ser homem consiste em habitar e, isso, no sentido de um de-morar-se dos mortais sobre essa terra (Grifo do Autor).

Ante as possibilidades iminentes de migrar, os olhares construídos pela intencionalidade de ser migrante em relação ao seu ato de habitar revelam dinâmicas marcantes, visto que, os impactos sobre o habitar revelam cada vez mais a dispersão do “de-morar-se” e o erigir de contextos onde “o que hoje se entende por habitar está açulado pelo trabalho, revolvido pela caça de vantagens e sucesso, enfeitado pelo lazer e descanso organizados” (HEIDEGGER, 2012b, p. 165).

Com estas características sobre o habitar em franca expansão na atualidade, é preciso corroborar com Marandola Jr (2008, p. 192) quando expõe que os significados de

segurança e estabilidade do habitar, fixidez e pausa necessárias diante do migrar, passam por um profundo processo de modificação dentro da fluidez espacial contemporânea. Modificação que encaro, nos termos da alteridade nos lugares, como experiências migrantes redefinidas em suas percepções sobre as relações próximo-distante, que acabam marcadas pela desagregação de experiências espaciais não apenas sobre/nos lugares, mas desagregação que orienta/orientou conhecimentos sobre si e sobre o Outro.

Por isso, urge a proposição de uma discussão sobre alteridade que coloque centralmente a possibilidade de incitar a sensibilidade para com o distinto, desconstruindo concepções que obliterizam o Outro como aquilo/aquele focado pela ótica da marginalização, da percepção de desenraizamento que deslugariza. Nesta ótica, a presença migrante se revela pela ausência porque o migrante sendo o Outro marginalizado, é invisibilizado pelo Eu que problematiza apenas a seu modo a alteridade, conformando espaços segregados pela exclusão que obliteriza os sentidos de lugar.

Diante desta problemática, fui impelido a (re)pensar de que maneira tratar/olhar para a alteridade, não simplesmente a partir do Eu que estranha, mas do migrante que é Outro, com sentido de lugar outro. Entender a alteridade a partir do prisma do lugar do Outro, para além do Outro que é estranho dos/nos lugares/deslugares, é entender migrantes como ser-estar encarado, por vezes, nos aspectos do marginalizado. Condição esta constantemente privada de uma série de direitos, entre os quais:

(...) do direito mais básico e fundamental, o direito de ter direitos, estar sujeito ao direito, pertencer a um corpo político que tenha seu lugar, residência, participação ativa, ou seja, para dizer o direito de dar sentido e razão a sua ação, às suas palavras, à sua existência. Não é capaz de ter uma história ou, em outras palavras, um passado e um futuro nem, acima de tudo, a possibilidade de se apropriar desse passado e futuro, dominar esta história (SAYAD, 1999, p. 189-190 - tradução livre).

Trata-se de uma marginalização dos direitos, tanto no sentido que aponta para o que está à margem da participação política e econômica, quanto para o sentido que exclui e segrega percepções, narrativas e saberes culturais, o migrante sem “o direito de ter direitos”. Nos termos desta marginalização, a experiência migratória é experimentada a partir da dissolução de reconhecimentos, reuniões e sensibilizações Eu-Outro, o que solapa aspectos onde os lugares têm uma série de sentidos porque “(...) são onde os indivíduos e os grupos possuem suas raízes e podem se sentir mais em casa (...)” (RELPH, 2012, p. 25).

O lançar-se em direção a compreensões migrante-lugar-alteridade precisa ser um lançar-se em um desafio de desconstrução, haja vista, os séculos de estagnação do conhecimento que valorize o pensar, dialogar e agir a partir da importância, conhecimento

e voz do Outro (MÈLICH, 1998, p. 91). Sem dúvidas, esta postura é romper com paradigmas marcados pela ausência de um conhecimento formado e que forma a partir da capacidade e escutar o que o Outro tem a nos dizer (LARROSA, 2003, p. 30), demandando entender o outro como absolutamente outro, não como oposição que torna a relação Eu-Outro polarizada, mas exigente de uma afirmativa fundamental sobre a alteridade: “(...) o que me permito exigir de mim próprio não se compara ao que tenho direito de exigir de Outrem” (LEVINAS, 1988, p. 41).

Os sentidos construídos nos lugares dentro das relações Eu-Outro precisam ser entendidos como um verdadeiro ato de (re)conhecer o mundo em suas pluralidades e diversidades, partindo de percepções onde “naturais/nativos” e migrantes desaprendem-aprendem-reaprendem que os lugares são ressignificados/ressignificam (nas) suas próprias relações entre si e o Outro, em suas mais variadas vertentes políticas, sociais, culturais, existenciais, etc. Ressignificações, principalmente, dentro de uma atmosfera de pensamento que postule questionar a ausência de certas “vozes” e “olhares” migrantes de Outros povos e modos de vida, tanto sobre seus lugares de origem/partida, como em relação à espacialidade estabelecida pelo movimento de ir, chegar, ficar.

Dessa forma, pensar migrante-lugar dentro da alteridade Eu-Outro necessita de reflexões que encarem conflitos e tentativas de subalternização e silenciamento, visto que, urge o questionamento de hierarquias que ainda insistem em submeter o ato de encontrar-se com o Outro como o ato de englobar e neutralizar o Outro num Eu que busca homogeneizar tudo e todos ao seu redor. Penso este encontrar-se com o Outro junto às perspectivas da Geografia humanista/cultural, em que para Buttimer (2015) o sentido que um lugar tem parte de interesses e afeições espaciais que os indivíduos estabelecem consigo mesmo e com os outros.

Ao pensar as experiências migratórias nos contatos/choques Eu-Outro nos lugares, me remeto a principiar discussões centralmente interessadas em perceber que na compreensão do fenômeno migratório, tanto “para o ‘de dentro’ quanto para o ‘de fora’”, talvez o maior desafio seja pedagógico: um chamado à consciência daquelas ideias e práticas comuns e cotidianas dentro do mundo pessoal e então ir além delas no sentido de um diálogo mais razoável e mutualmente respeitoso” (BUTTIMER, 2015, p. 9). Um desafio, no entanto, está lançado ao Eu-pesquisador: entender o migrante como Outro que não é o meu objeto e a mim nada deve para que meu Eu o “leia” e “possua”, que não é alguém que precisa ser tornar o mesmo que eu, submisso a mim porque o Eu quer:

(...) apoderar-se seja do que for, para apanhar. Tudo, num certo sentido, está no [meu]lugar, tudo está a minha disposição no fim de contas(...), [para]que eu

pense nos outros. Tudo está ao alcance, tudo me pertence; tudo é de antemão apanhado(...)do lugar, tudo está com-preendido. A possibilidade de possuir, isto é, de suspender a própria alteridade daquilo que só é outro à primeira vista e outro em relação a mim (LEVINAS, 1988, p. 25).

Contrapor-se a essa verdadeira perda para entender as possibilidades de (re)pensar a alteridade, é abordar relações Eu-Outro/dentro-fora centralmente a partir de percepções espaciais ainda pouco discutidas e “ouvidas”, tendo em vista que tais percepções não são “uma coisa isolada ao lado de outras coisas similares dentro de um mundo dado de antemão; a exterioridade e a justaposição dos eus pessoais cede lugar a uma relação íntima entre os seres que são um *no* outro e um *para* o outro” (HUSSERL, 2008, p. 87 - grifos do autor).

No âmago desta proposta radical para (re)pensar a alteridade, a experiência migrante precisa ser enfocada como intencionalidade migrante impactada pela reestruturação do seu ser-no-mundo **como** e **com** o Outro, que por sua vez se correlaciona com a reestruturação do ser-estar junto aos referenciais espaciais como condição para **ser-migrante-no-lugar**⁶. Tal condição é um modo de espacialização da migração como fenômeno que atravessa construções e desconstruções dos referenciais espaciais, onde as relações de alteridade são envolvidas e envolvem as percepções migrantes dentro de estabilidades e instabilidades no seu habitar.

Uma vez instabilizados pelo ato de migrar que se torna proeminente às suas reestruturações espaciais, os migrantes precisarão se reconstruir como ser-migrante-no-lugar que busca pela estabilização das relações Eu-Outro e ser-lugar, caracterizando uma espacialidade onde é necessário constantemente tentar (re)construir da melhor forma possível os sentidos de ser-estar. Tentativas que, por vezes, são riscos: há a possibilidade de uma existência em espaços vazios de um sentido de lugar que deveria conter “o aconchego, o trabalho, as festas, os atritos e as recordações (...) pelas relações do dia a dia, do labor, da arte, do lazer, da religiosidade e toda sorte de elementos, em meio à abnegação, ócio e prazer efetivados pelos seres humanos” (MELLO, 2012, p. 33).

O ato de reconhecerem-se como migrantes que precisam lidar com estes riscos e possibilidades faz parte de contextos marcados pela tentativa de adaptabilidade, indo em direção a um processo onde a transitoriedade e eventualidade das identidades, se apresentam como elementos necessários para o enfrentamento de cobranças nas relações com o Outro, nos sentidos de pertencer e se construir social e politicamente (DAL GALLO, 2011, p. 53). Para enfrentar estes contextos e justificar o enfrentamento da ideia

⁶ A estruturação deste termo com o hífen remete à perspectiva heideggeriana de uma “expressão composta (...) [que] já na sua cunhagem, mostra que pretende referir-se a um fenômeno de *unidade*. (...) Multiplicidade de momentos estruturais que compõem esta constituição” (HEIDEGGER, 2005, p. 90 - Grifo do autor).

de partida/abandono, as populações migrantes precisam ressignificar o que se considera buscar o melhor para suas experiências em espaços que se apresentam como novas perspectivas de vida, mas também contém os riscos de engendrarem instabilidades nas relações como/ com o Outro nos lugares.

É dentro de todas estas questões/discussões, que surge uma pergunta pertinente e urgente: de que forma(s) perceber contextos amazônicos que demandam “ler” esta alteridade migrante nos lugares, para que a experiência migrante seja enfocada em novos olhares? A seguir, exponho alguns estudos que nos mostram a pertinência da sensibilização em relação ao Outro que migra e que, a partir de processos migratórios, mostraram/mostram uma região que constitui suas nuances nas experiências de ser-migrante-no-lugar.

SER O OUTRO NA AMAZÔNIA: implicações migratórias

*“Vi a Constituição rasgar-se em mil pedaços de papel
Vi o céu arrepiar-se perante a destruição
Vi o assassino fugir pela contramão da história
Vi a bora em que a sombra da morte cobriu todo o Belo Monte
(...)
Vi a senhora passar mal quando levaram preso um operário inocente
Vi a tribo atacada arrebrantar-se por dentro
(...)
Vi cimento misturar-se no sangue da Amazônia”.*
Eu Vi – Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB).

É preciso admitir: dentro uma multiplicidade quase imensurável de contextos espaciais e migratórios, se propor/esforçar para falar de apenas algumas experiências migrantes em algumas porções da Amazônia não é fácil, seja pela extensão da região, seja pelas nuances que demandam cada transitoriedade espacializada. Tais nuances deram e continuam dando o tom na constituição de intencionalidades e percepções migrantes que revelam a si próprias e a Amazônia, nas mais diversas dimensões espaciais e existenciais.

Dimensões que se espacializam na Amazônia em diversas nuances, como a religiosidade/espiritualidade, impactada por diversos deslocamentos que não foram apenas físico-populacionais, mas também de toda uma maneira de se relacionar consigo mesmo e com Outro: Friel (1971, p. 22) expôs diversos contatos, embates e adaptações decorrentes de fluxos migratórios do povo indígena Tiriyo, no chamado Paru de Oeste, região do estado do Pará. Neste estudo, entre as décadas de 50/60, o autor relata toda uma civilização que se viu diante de choques religiosos pautados por ressignificações sobre a sua própria espiritualidade em questões sobre tradição, passado e compreensão.

Outras dimensões foram envolvidas em diversos contextos espaciais amazônicos a partir da formação de frentes de expansão coloniais: como afirma Martins (1997, p. 73) ao se reportar a fronteiras, diversos povos e maneiras de ser foram degradados em sua imagem como civilização, espaço, cultura, etnia, história e sentido de ser o Outro. Na acepção do autor, fronteiras erguidas a fim de viabilizar a dominação, a subjugação e a exploração, dentro de processos de estrangeirização e recusa a alteridade nas relações entre indígenas, brancos, caboclos, fazendeiros, camponeses, etc.

Destas fronteiras que degradaram às espiritualidades que se ressignificaram, a espacialização do ato de migrar como constituição da condição de ser migrante na Amazônia, (re)construiu os significados de ausência-chegada-presença nos lugares, traçando um panorama amazônico de luta pelo direito de ter/significar sentido dos/nos lugares. Luta que abrange o direito por um sentido de lugar em suas dimensões espirituais, que enraíze a memória de todo um povo quando confrontado com o deslocamento exigido pelo Outro e pela condição de ser o Outro. Luta pelo direito a existência que não degrade o ser-migrante-no-lugar como condição de subjugado sem terra, sem cultura, sem história, sem lugares, ou em outras palavras, deslugarizado.

A (re)construção das dimensões que dão sentidos aos lugares e/ou o esgarçamento que tolhe os sentidos nos deslugares, colocam o ato de migrar e a constituição do atual contexto regional da Amazônia em fenômenos intrínsecos e indissociáveis: Gonçalves (2010) ressalta as implicações dos fluxos migratórios no que tange às construções e reestruturações contemporâneas nos âmbitos territoriais e socioculturais nas diversas realidades amazônicas, partindo das primeiras ocupações/invasões europeias, passando pelos trabalhadores nordestinos dos seringais, chegando até as políticas migratórias que objetivavam atrair grandes contingentes populacionais para a construção das grandes obras de infraestrutura, por volta da década de 1970.

Trindade Jr. (2011, p. 137) destaca que um dos âmbitos que marcaram profundamente a rápida ocupação e a organização espacial da região na contemporaneidade, foi justamente a chamada “política de migração induzida”, que começou a ocorrer por volta das décadas de 1960/1970, valorizando novas vias de fluxo, as rodovias, que estimularam um novo contexto para a mobilidade do trabalho e, por conseguinte, novas correntes migratórias. Portanto, urge focar tais experiências migratórias, a partir de uma compreensão que pense centralmente a espacialização do ser-migrante-no-lugar que, ao longo da história amazônica, tiveram e têm seus modos de vida implicados em espacialidades concebidas e vividas com significados imersos em fenômenos constituídos por fluxos, atrações, expulsões, abandonos, recomeços, etc.

Tais significados, no passado e presente, na ausência e presença, dentro de lugarizações e deslugarizações, são traspassados por experiências migrantes onde o Outro ficou à margem de ter o direito de ser, ter, falar e existir nas suas dimensões espirituais, espaciais, econômicas e políticas, etc.; é o migrante que foi e, por vezes, ainda é o “estranho” que é narcisicamente “traduzido” sem representação, integração e comunicação (MONTEMEZZO; UMBACH, 2014, p. 192). Romper esta “tradução” do migrante é estar sensível a este como Outro que não é subjugado, invisibilizado e absorvido narcisicamente pelo Eu que tolhe a liberdade e pluralidade do ser-migrante-no-lugar, o que exige nova postura para com a alteridade, proposta por Mèlich (1998, p. 25) como “(...) *a linguagem ética*, a palavra que nomeia o outro que é Ser, o distinto, a exterioridade: *la ‘huella’ (tracce)*” (tradução livre - grifos do autor).

A busca pelas pegadas/marcas/traços (*la huella*) das caminhadas migrantes pelos lugares/deslugares se revela, por vezes, nos estranhamentos do ser-estar nos espaços, de sentir os lugares e de perder sentidos que deslugarizam a condição do migrante como o Outro, conformando ausências e presenças a partir das experiências transitórias marcadas pela negociação da/na travessia:

A eventualidade do lugar permite pensar como este pode, diante de novas presenças, mais especificamente da presença dos migrantes, serem em alguma medida receptivos “ao que eles fazem” e “ao que eles são”. É nesta abertura do lugar que o migrante pode negociar sua presença no lugar de destino. Para que eles possam ser (continuarem a ser), é necessário poderem ser em algum lugar. Portanto, os migrantes negociam um “aqui” “agora”, e o fazem no encontro de seus caminhos com o emaranhado de caminhos das presenças constituintes dos lugares até então (DAL GALLO, 2010, p. 38).

A ideia de negociação da presença nos lugares tem a potencialidade de um novo pensar a alteridade, pois entender o Outro precisa partir do princípio de se reconhecer o caminhar juntos no “emaranhado de caminhos” do ser-no-mundo. Caminhada esta que é um mover-se no mundo que (re)une migrantes e não migrantes como “presenças constituintes dos lugares” em processos que são de nível global, perpassam por regiões inteiras do Brasil e com particularidades do ser-migrante-no-lugar da/na Amazônia.

Não se trata apenas de um enfoque em escalas, mas em histórias que viram/veem a região como possibilidade e oportunidade, constituindo experiências centrais para uma discussão de alteridade que (re)discuta hierarquias que subjugam e sobrevivem há séculos, e proporcione um “olhar” e “ouvir” afetivo e recíproco com o sofrimento dos que sofrem, com a opressão dos oprimidos, com o silêncio dos silenciados (MÈLICH, 1998, p. 95). Por consequência, a partir do sentir afetivo e recíproco, é possível galgar uma maior capacidade de entender, combater e resistir a todo poder apassivador que se propunha a inibir e

subordinar aqueles e aquelas tolhidos de seus direitos por serem o Outro nos lugares e deslugares.

Nestes termos, fica claro que as tentativas de compreender o Outro em sua(s) existência(s) amazônicas não podem se limitar à ideia de pesquisar sobre um “objeto de estudo” disperso na região. Não é apenas investigar as melhores maneiras de uma descrição daquele, o que apenas contribui para a construção/continuidade do conhecimento como um ato de conceber a alteridade que engloba e neutraliza o Outro a partir do Eu que se recusa a deixar ser (LEVINAS, 1988, p. 45). Trata-se, antes, do combate a todo tipo de pensamento, científico-acadêmico ou não, que insiste em rechaçar, invisibilizar e negar o Outro com concepções que não primem pelo diálogo entre distintas formas de se espacializar.

Migrantes que buscaram e buscam a região como espaço para o seu habitar, construíram e foram construídos pelas constantes tentativas de invisibilização de seus lugares. O ato de migrar se apresentou e foi apresentado enquanto a possibilidade pela resignificação de sua própria identidade como ser-no-mundo, numa específica alteridade migrante formada pela transitoriedade como fenômeno que pode esvaziar os sentidos daquela.

Esta transitoriedade migrante espacializou e espacializa experiências que culminaram em abandono e tentativas de reconstrução do habitar nos lugares íntimos, em meio a relações **de fora-lugar-de dentro**. Estas, por vezes, foram marcadas nos espaços amazônicos na perspectiva do “(...) ‘nós’ e ‘eles’. Nós estamos *aqui*; nós somos *esta* afortunada estirpe de homens. Eles estão *lá*. Eles não são completamente humanos e vivem *naquela* lugar” (TUAN, 1983, p. 53 - grifos do autor).

Estas reconstruções dos lugares íntimos e da intimidade/reconhecimento nos/dos espaços amazônicos com/a partir do Outro, manifesta-se para o migrante, segundo Silva (2010, p. 12), como espacialidade de coexistências de relações migrante-migrante e migrante-Outro, às vezes de estabilidade, às vezes de antagonismo na “alteridade como (entre)lugar da produção de processos de subalternização e hierarquização sociocultural”. Tal “(entre)lugar” foi apontado por Silva (2010, p. 145), no fenômeno migratório de maranhenses para o sudeste do Pará, onde se identificou interações socioespaciais e experiências de memória, dominação, exclusão e insurgência migrante, como possibilidade de rearranjos no poder local, entre os quais, o debate em torno da separação político-territorial do estado do Pará por meio da criação de novos estados.

Neste sentido, entender a própria gênese da multiplicidade de contextos amazônicos perpassa por entender as questões migratórias como cerne das experiências

que se formaram e vão se formando na alteridade fomentada na transitoriedade que atravessa a condição de ser-migrante-no-lugar. Alteridade que pauta a ressignificação das possibilidades de impactar e ser impactado pela eventualidade migratória, o que exige um comprometimento em transcender considerações que se restringem a questões econômicas, mas, pelo contrário, apontem caminhos que envolvam implicações do ser-migrante-no-lugar para os sentidos de ser o Eu e o Outro, de ser migrante.

Estar sensível a esta condição de ser migrante possibilita (re)fazer/re(escrever) o que se diz sobre contextos amazônicos erigidos historicamente para exploração e subalternização do Outro. Este, por vezes, migra sem condições materiais e existenciais, o que revela a importância da quebra de paradigmas centrados num Eu eurocêntrico que entende a alteridade na forma de alguém:

(...) arrogante que se empenha em permanecer erguido frente ao que ler (...) sujeito que resulta da formação ocidental mais agressiva, mais autoritária. É o homem que reduz tudo a sua imagem, a sua medida; aquele que não é capaz de ver outra coisa que não a si mesmo; aquele que ler apropriando-se daquilo que ler, devorando isto, convertendo todo o outro em uma variável de si mesmo; aquele que ler a partir do que sabe, do que quer, do que necessita; aquele que tem solidificado sua consciência frente a tudo que poderia pôr em questão. (LARROSA, 2003, p. 30 - tradução livre).

A obliteração do Outro diante da formação deste “homem que reduz” termina por significar o contato com o Outro e o estar junto com Outro em oportunidade/potencialidade do mero embate, do subjugar, do desenraizamento na indiferença que reduz o migrante ao deslugar da inexistência na busca pelos meios e alternativas para alcançar um projeto do presente que visa o futuro. É um deslugar da inexistência com caracteres de ruptura e abalo que é “(...) existencial e ontológico. Mas é também econômico e social, pois em toda parte estamos presos em maior ou menor grau nas forças neoliberais e na globalização” (RELPH, 2012, p. 31).

Para além desta ótica/ética da globalização capitalista, Marin (2013) revela que diversos povos da Amazônia tem sido obliterados dos seus direitos mais básicos não apenas por aquela, mas mesmo os que se propuseram política e historicamente a combater o denominado avanço neoliberal tem desrespeitado e levado modos de vida e existência de povos indígenas e comunidades tradicionais ao deslocamento. A autora expõe a morosidade, desinteresse e tentativas de subordinação na demarcação de terras pelo governo chavista da denominada 1ª República Bolivariana da Venezuela. Do capitalismo globalizante ao bolivarianismo nacionalista de cunho socialista, a condição de ser migrante em diversas porções da Amazônia tem sido cada vez mais envolvida numa geografia em ato

que inexistem/ignora sentidos de lugares constituídos histórica e existencialmente de/por fluxos migrantes (PANTOJA; OLIVEIRA; LIMA, 2017).

A emergência de lugares/deslugares constituídos a partir da inexistência aparece também, nas explicações de Hernandez (2012, p. 796) sobre os efeitos dos recentes projetos hidrelétricos propostos e em andamento na Amazônia brasileira, concernente principalmente aos processos de licenciamento ambiental, e as implicações junto às populações Amazônicas. O autor relaciona uma série de problemáticas e tensões neste quadro que avança cada vez mais na Amazônia e em constante debate no Brasil e no mundo, como por exemplo algumas conceituações construídas em processos de licenciamento alheios às percepções espaciais alteradas definitivamente pela necessidade de abandonar os lugares que marcaram por toda uma vida sentidos/intimidade com estes.

Formam-se e, efetivamente, travam-se conflitos pelos sentidos de migrar e de ser migrante, onde a possibilidade de abandono ante a instalação de um grande projeto de hidrelétrica, por exemplo, se desdobra como perda do direito a existência nos lugares. A possibilidade do migrar precisa, então, ser enfocada como um deslocamento que irá transcender âmbitos meramente materiais, como preconiza a Comissão Mundial de Barragens:

O Deslocamento é definido aqui englobando tanto o “deslocamento físico” quanto o “deslocamento dos modos de vida” (ou privação destes). Em um sentido estrito, Deslocamento resulta do deslocamento físico de pessoas que vivem na área do reservatório ou do projeto. Contudo, o alagamento de terras e a alteração do ecossistema dos rios – seja a jusante ou a montante da barragem – também afetam os recursos disponíveis nessas áreas – bem como as atividades produtivas. No caso de comunidades dependentes da terra e de recursos naturais, isso resulta frequentemente na perda de acesso aos meios tradicionais de vida, incluindo a produção agrícola, a pesca, a pecuária, o extrativismo vegetal, para citar alguns exemplos. Isso provoca não apenas rupturas na economia local, como efetivamente o deslocamento das populações – em um sentido mais amplo – do acesso a recursos naturais e ambientais essenciais ao seu modo de vida. Este tipo de deslocamento priva as pessoas de seus meios de produção e as desloca de seus meios de existência e reprodução cultural (WCD, 2000 apud HERNANDEZ, 2012, p. 796-797).

É perceptível que, neste contexto de populações afetadas, forma-se claramente a necessidade de atmosferas de pensamento que entendam os fluxos migratórios em perspectivas que transcendam o pensar relações espaciais apenas como suporte físico para o habitar. É urgente um “olhar” para as consequências e implicações em diferentes âmbitos, principalmente para as questões migratórias como deslocamentos não apenas em sentido estritamente econômico, mas também ressignificação de símbolos e transformações culturais na existência como ser-no-mundo.

Nos termos destas questões migrante-lugar, não se trata de simples busca por compreensões migrante-Outro, mas construção de entendimentos que enfoquem centralmente o Outro a partir de discussões onde, “vidas humanas têm necessidade e merecem ser narradas. (...) Toda história do sofrimento clama por vingança e exige narração” (RICOEUR, 2012, p. 309). A condição de ser-migrante-no-lugar se revela, nestes termos, como experiências de um horizonte aonde as relações ser-lugar se transmutam em luta pelo direito a narrativa, pois a espacialidade termina por girar em torno de ausências e presenças que lugarizam/deslugarizam a condição de ser migrante como encontro e desencontro consigo mesmo e com o Outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: rumo ao Outro...

*“Vim pelo caminho difícil,
a linha que nunca termina,
a linha bate na pedra,
a palavra quebra uma esquina,
mínima linha vazia,
a linha, uma vida inteira,
palavra, palavra minha”.*

Minifesto – Paulo Leminski

Não posso negar: o caminho em direção ao Outro, de tal forma que não o envie a partir do Eu, não é fácil. É preciso um caminhar onde a “minha palavra” não “esmague” experiências migrantes como o Outro e com o Outro, e com os seus sentidos de lugar, clamando por um “olhar” humanista, intercultural e interdisciplinar para realidades envolvidas pela tradução como metáfora do ler a si e ao Outro como conjunto de relações indissociáveis. Entender a experiência de ser-migrante-no-lugar dentro desta possibilidade/potencialidade parte da discussão onde o migrante é aquele que é visto e percebido na presença, porém com o risco de ser reconhecido como o próximo que está ausente em suas maneiras de pensar-fazer a espacialidade, a política, a educação, a saúde, a espiritualidade, etc.

Logo, este artigo se propôs muito mais como ponto de partida para (re)pensar determinados contextos em suas singularidades, colocando no centro das reflexões o “para o que” e “para quem” o “olhar” do Eu-pesquisador irá servir ou está servindo, e “de onde”, “por onde” e “para onde” os conceitos estão sendo construídos (BACHELARD, 1978, p. 8). Pensar nesta problemática é não se deixar consumir pelo puro e simples repetir e reproduzir mecanicamente sem as discussões necessárias, dentro das teorias na produção

do conhecimento que nos cercam e se chegam a nós, sempre tendo em mente que conceituar não pode simplesmente se confundir com o estado real das coisas (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 34).

É necessário estar ciente que os variados contextos espaciais da/na Amazônia convivem um ao lado do, se “tocando” e dialogando entre si, porém, ainda são pensados, por vezes, de forma isolacionista em suas relações, ainda imperante a partir de “olhares” impulsionados por teorias, conceitos e definições típicas do bojo de uma sociedade utilitarista. Parti neste artigo para o ato de pensar novas e plurais formas de conhecer a Amazônia, onde ser habitante da região se confunde com a experiência de ser migrante, sendo necessário romper com modelos fechados de pensar o Outro e sobre a realidade de homens e mulheres ainda pouco compreendidos, ou mesmo invisibilizados, nas suas percepções, narrativas e saberes porque deslocados em uma “representação de um tempo que está sempre em outro lugar” (BHABHA, 1998, p. 84).

Por óbvio, as reflexões deste artigo não se possibilitam simplesmente aos contextos amazônicos, ainda que estes tenham sido o seu enfoque. As relações Eu-Outro se espraiam nas mais variadas escalas e espaços ao redor do planeta, sendo essencial (re)pensar o trato dos aspectos políticos, culturais, espirituais, existenciais, etc., de modo a respeitar o distinto sem segregar, excluir ou homogeneizar o migrante como o Outro, o estranho, o estrangeiro, que se percebe e é percebido pelo desencontro espacial (DAL GALLO; MARANDOLA JR, 2010, p. 176). Nos termos colocados neste artigo, a abordagem fenomenológica dentro da geografia humanista/cultural tem a possibilidade de abertura para entender percepções que vão da intimidade com os lugares até a (re)construção de sentidos de lugar pelo estabelecimento da alteridade nos espaços.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não**: filosofia do novo espírito científico. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os pensadores).

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BUTTIMER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de Lugar. **Geograficidade**, v. 5, n. 1, p. 4-19, verão 2015. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12915>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

CORONIL, Fernando. “Natureza do pós-colonialismo: do eurocentrismo ao globocentrismo”. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais - Perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 50-62. (Col. Sur Sur).

DAL GALLO, Priscila Marchiori. **A experiência de ser migrante**: entre identidades e transitoriedades. 2010. 70 f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

_____.; MARANDOLA JR, Eduardo. O método do diário: buscando a experiência de ser migrante. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, UFG/IESA, v. 4, n. 3, p. 173-185, out. 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/16660>>. Acesso em: 12 fev. 2019.

_____. Lugar e identidade na experiência migrante: entre eventualidade e transitoriedade. **Geograficidade**, v. 1, n. 1, p. 44-58, inverno 2011. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12807>>. Acesso em: 20 set. 2019.

FRIKEL, Protásio. **Dez anos de aculturação Tiriyo**: 1960-70 – mudanças e problemas. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1971. (Publicações Avulsas do Museu Goeldi, 16).

GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. **O que é a filosofia**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010. (Col. Trans).

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

HERNANDEZ, Francisco Del Moral. Hidrelétricas na Amazônia: renovabilidade e não renovabilidade da política energética. Se é desejável a renovabilidade das formas de conversão de energia, por que não é desejável renovar a política energética? **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas**, Belém, v. 7, n. 3, p.791-811, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222012000300012>. Acesso em: 18 maio 2018.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**: parte I. 15. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005. (Col. Pensamento Humano).

_____. Construir, habitar, pensar. In: _____. **Ensaio e conferências**. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012a. p. 125-142. (Col. Pensamento Humano).

_____. “... Poeticamente o homem habita...”. In: _____. **Ensaio e conferências**. 8. Ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista; Editora Universitária São Francisco, 2012b. p. 165-182. (Col. Pensamento Humano).

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 67-78, jul./dez. 1999. Disponível em: <http://www.laget.eco.br/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=6>. Acesso em: 15 jul. 2019.

HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas**: introdução à fenomenologia. São Paulo: Madras, 2001.

_____. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**: introdução e tradução de Urbano Zilles. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. (Col. Filosofia, 41).

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**: estudios sobre literatura y formación. México: FCE, 2003.

LEMINSKI, Paulo. Minifesto. In: _____. **Distraídos venceremos**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 8-9.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1988.

MAB. Movimento dos Atingidos por Barragens. **Eu vi**. Disponível em: <<http://www.mabnacional.org.br/poesia/eu-vi>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

MARANDOLA JR, Eduardo. **Habitar em risco**: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. 2008. 278 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

_____; DAL GALLO, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista Brasileira de Estudos da População**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-30982010000200010>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

MARIN, Rosa Acevedo. Entre a fronteira Venezuela-Brasil, os territórios de povos indígenas e de comunidades tradicionais. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 65, p. 27-30, jan. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21800/S0009-6725201300010001>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

MÈLICH, Joan-Carles. **Totalitarismo y fecundidad**: la filosofía frente a Auschwitz. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; Monterrey (Nuevo León): Escuela de Ciencias de la Educación, 1998.

MELLO, João Baptista Ferreira de. O triunfo do Lugar sobre o Espaço. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Wether; OLIVEIRA, Livia de (Org.). **Qual o espaço do Lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 33-68.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MONDADA, Lorenza; SODERSTROM, Ola. Do texto a interação: percurso através da geografia cultural contemporânea. In: CÔRREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p. 133-156.

MONDARDO, Marcos Leandro. Estudos migratórios na modernidade e na pós-modernidade: do econômico ao cultural? **Terra Livre**, Presidente Prudente, ano 23, v. 2, n. 29, p. 51-74, ago./dez. 2007. Disponível em: <<https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/download/240/224>>. Acesso em: 02 dez. 2019.

MONTEMEZZO, Luciana Ferrari; UMBACH, Rosani Úsula Ketzer. Tradução e diálogos interculturais. In: VOLOBUEF, Karin; SARMENTO-PANTOJA, Tania; TRUSEN, Sylvia

Maria (Org.). **Tradução cultural e memória**: estudos multidisciplinares. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014. p. 179-194.

NOVA BÍBLIA VIVA. **Livro de Salmos**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

PANTOJA, Wallace Wagner Rodrigues; OLIVEIRA, Angela Nunes de; LIMA, Maria Idinês Reis de. Os filhos de Adão: vicinais transamazônicas como entrelugares. **Revista da ANPEGE**, v. 13, n. 20, p. 157-176, jan./abr. 2017. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6907>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

PESSOA, Fernando. Poemas dramáticos: na floresta do alheamento. In: _____. **O Eu profundo e os outros Eus**. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. p. 107-112.

PELIZZOLI, Marcelo Luiz. **Levinas**: a reconstrução da subjetividade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. (Col. Filosofia, 136).

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do Lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther.; OLIVEIRA, Lúvia de (Org.). **Qual o espaço do Lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.

RICOEUR, Paul. Entre tempo e narrativa: concordância/discordância. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 53, n. 125, p. 299-310, jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2012000100015>. Acesso em: 20 ago. 2019.

SANTOS, Daniel José dos; SANTOS, Samuel José dos. **Deus confia em mim**. Intérprete: Daniel & Samuel. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qI_Rc-buLFQ>. Acesso em: 23 dez. 2019.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração**: ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. **La double absence**: des illusions de l'émigré aux souffrances de l'immigré. Paris: Éditions du Seuil, 1999.

SILVA, Idelma Santiago da. **Fronteira cultural**: a alteridade maranhense no Sudeste do Pará (1970-2008). 2010. 230 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

SPIELMANN, Ellen. “Alteridade”: desde Sartre até Bhabha - um surf para a história do conceito. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Rio de Janeiro, Abralic, n. 5, p. 19-28, 2000. Disponível em: <<http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/66>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

TRINDADE JR, Saint-Clair Cordeiro da. Cidades médias na Amazônia Oriental: das novas centralidades à fragmentação do território. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 13, n. 2, p. 135-151, nov. 2011. Disponível em: <<https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/399>>. Acesso em: 22 ago. 2019.

ZILLES, Urbano. Fenomenologia e teoria do conhecimento. **Revista da Abordagem Gestáltic**, v. 13, n. 2, p. 216-221, 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v13n2/v13n2a05.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

Como citar este artigo:

ABNT

MOREIRA, F. F. Ser migrante, ser o Outro: tradução, alteridade e Lugares na experiência migratória amazônica. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 6, e202020, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202020>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

APA:

Moreira, F. F. (2020). Ser migrante, ser o Outro: tradução, alteridade e Lugares na experiência migratória amazônica. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 6, e202020. Recuperado em 25 janeiro, 2020, de <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202020>



This is an open access article under the CC BY Creative Commons 4.0 license.

Copyright © 2020, Universidade Federal do Maranhão.

